

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA**

GUILHERME DOS SANTOS SILVA

**NARRATIVA CRÍTICO-REFLEXIVA SOBRE MINHAS VIVÊNCIAS NO CURSO DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**
visão sobre o curso, a universidade e a cidade de São Carlos na perspectiva de
um homem preto

São Carlos, SP

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA**

GUILHERME DOS SANTOS SILVA

**NARRATIVA CRÍTICO-REFLEXIVA SOBRE MINHAS VIVÊNCIAS NO CURSO DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**visão sobre o curso, a universidade e a cidade de São Carlos na perspectiva de
um homem preto**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao departamento de medicina, como requisito
necessário para a obtenção do título de
bacharel em medicina.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lucimar Retto da Silva
de Avó

São Carlos, SP

2024

DEDICATÓRIA

À minha irmã mais nova, que motivou minha entrada na área da saúde, e me motiva a ser melhor a cada dia até os dias de hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família. Ao meu pai Ernesto Guilherme da Silva e à minha mãe Nilza Rosa dos Santos, que sempre incentivaram meus estudos, independentemente de qualquer situação que estivessem encarando. À minha irmã Jéssica, que cuidou de mim sempre que meus pais estavam ocupados e me ensinou a ter respeito a si mesma e a me defender nas situações de injustiça. À minha irmã Stefany, que me ensinou o verdadeiro significado de lutar e de amar, e me inspira diariamente a ser alguém melhor. Ao restante da minha família, que, mesmo não sendo tão presente, ainda me apoiou quando eu precisei e me manteve nos trilhos quando errei.

Aos meus amigos do Ensino Médio: Isabela de Oliveira Guariza, Bernardo Soledade Sartori e Beatriz Dontal Silva, que estiveram ao meu lado durante todo esse processo de amadurecimento e crescimento.

Aos autores e artistas que me inspiraram durante toda a minha trajetória: Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, Bell Hooks, Angela Davis, Serj Takian, Kentaro Miura, Makoto Yukimura, Takehiko Inoue e Akira Toriyama.

Aos amigos que fiz durante esses 6 anos de graduação e que formaram minha nova família. À república ACasaLar, que me acolheu e estendeu os braços nos momentos difíceis da pandemia. Ana Luiza Sartoreli, Maria Clara Espósito, Agatha Moura Lopes e Abraão Golfet de Souza, que me acompanharam em diferentes momentos dessa fase da minha vida e me abraçaram quando precisei.

Ao meu grupo de internato, que me encorajou, incentivou e acreditou em mim, independentemente da situação.

A Brenda Emanuely de Campos Ferreira, que sempre me ouviu, me abraçou e me alimentou. Você foi essencial nesses 6 anos, me apoiando quando duvidei de mim, me ajudando com minha desorganização e não me deixando me isolar quando estive para baixo.

A Isabella Franzin Ribeiro, que tive a chance de ver amadurecer, enquanto eu buscava meu próprio crescimento. Você me ouviu quando senti que não tinha com quem falar e falou comigo mesmo quando eu não queria ouvir mais ninguém.

Ao João Pedro de Barros Fernandes Gaion, o irmão que encontrei quando menos esperava. Você é tudo o que alguém poderia querer como amigo e mais; me acolheu quando me senti desamparado, me animou quando me senti para baixo e me corrigiu quando eu errei. Não seria capaz de ser o homem que sou hoje se não fosse por você.

Quando me amam, dizem que é apesar da cor da minha pele. Quando me detestam, se justificam dizendo que não é pela cor da pele. Em uma ou outra situação, sou prisioneiro de um círculo infernal

- *Frantz Fanon*

RESUMO

Este trabalho é uma narrativa crítico-reflexiva que explora a vivência de um estudante negro no curso de medicina da Universidade Federal de São Carlos. O autor aborda desafios e experiências pessoais que envolvem a inserção em um ambiente acadêmico predominantemente branco e elitizado, contrastando momentos de acolhimento com episódios de discriminação e violência, tanto vivenciados quanto observados. A narrativa permite a análise dessas vivências por meio da perspectiva teórica de autores de relevância no campo da resistência antirracista.

Com base nessas experiências, o autor reflete sobre o impacto desses anos de graduação na construção de sua identidade e na sua formação como futuro profissional da saúde. Ao concluir, ele ressalta como todo esse processo constituiu uma base sólida para uma trajetória profissional orientada pela empatia, inclusão e promoção da saúde com equidade.

ABSTRACT

This work is a critical-reflective narrative exploring the experience of a black student in the medical course at the Universidade Federal de São Carlos. The author discusses personal challenges and experiences within an academic environment that is predominantly white and elitist, contrasting moments of support with episodes of discrimination and violence, both experienced and observed. The narrative allows for an analysis of these experiences through the theoretical lens of significant authors in the field of anti-racist resistance.

Based on these experiences, the author reflects on the impact of these years of undergraduate education on the formation of their identity and their development as a future healthcare professional. In conclusion, the author highlights how this entire process laid a solid foundation for a professional journey guided by empathy, inclusion, and the promotion of health with equity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPS _____ Centro de Atenção Psicossocial

CIA _____ Comunicação Interatrial

ENEM _____ Exame Nacional do Ensino Médio

EUA _____ Estados Unidos da América

IBGE _____ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TAPVR _____ Retorno Pulmonar Venoso Anômalo Total

UFSCAR _____ Universidade Federal de São Carlos

USF _____ Unidade de Saúde da Família

USP _____ Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONTEXTO DA PRESENÇA NEGRA NA MEDICINA NO BRASIL.....	12
3. MEU INGRESSO NO CURSO DE MEDICINA.....	14
4. MEUS ANOS NO CURSO DE MEDICINA.....	18
4.1. Primeiro Ano - 2019.....	18
4.2. Pandemia - 2020 a 2022.....	20
4.3. Internato - 2023 e 2024.....	22
CONCLUSÃO.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

1. INTRODUÇÃO

A medicina no Brasil originou-se e consolidou-se como um espaço de prestígio social, cultural, acadêmico e econômico, marcado pela elitização do acesso e pela presença predominantemente branca. Dessa forma, a vivência de um estudante negro nesse ambiente torna-se singular, devido às diversas experiências, expectativas e desafios enfrentados. Relatar essas vivências e analisá-las criticamente permite dar visibilidade a essas particularidades, além de promover e enriquecer o debate sobre a representatividade negra nos espaços de elite acadêmica. Assim, é possível refletir sobre o impacto do racismo estrutural na trajetória educacional e profissional de indivíduos negros.

Este trabalho organiza-se como um relato das vivências pessoais no curso de medicina da UFSCar* como pessoa negra, servindo como base para construir uma visão crítica da experiência de uma pessoa preta na medicina. Em cada capítulo, buscarei elaborar essas experiências e analisá-las a partir da minha perspectiva individual, à luz de teorias e reflexões sobre identidade, racismo e luta antirracista.

Dessa maneira, para fundamentar e aprofundar tais reflexões, é imprescindível compreender a estrutura sócio-racial em que me insiro. Para isso, recorro a pensadores como Frantz Fanon, psiquiatra negro que, em suas obras, discute o impacto psicológico do racismo, além da busca por uma identidade em sociedades colonizadas; Bell Hooks, que explora a relação entre educação e raça, bem como o impacto das estruturas racializadas sobre o aprendizado individual; Sueli Carneiro, que reflete sobre a necessidade de uma educação ativamente antirracista, contrapondo-se à passividade da educação convencional em questões raciais; Silvio Almeida, que aborda o racismo no Brasil como uma estrutura social e sistêmica, e não apenas um problema individual; e Djamila Ribeiro, que discute o conceito de "lugar de fala", sua relevância e como sua distorção é utilizada para manipulação e doutrinação. Esses e outros teóricos fornecem o alicerce teórico para compreender as dinâmicas de poder, exclusão e resistência nas instituições de ensino.

O intuito deste trabalho é, por meio da análise crítica das minhas experiências como estudante de medicina preto em uma universidade pública, contribuir para uma reflexão sobre a diversidade dentro da área acadêmica e profissional.

2. CONTEXTO DA PRESENÇA NEGRA NA MEDICINA NO BRASIL

O racismo estrutural no Brasil é compreendido como um processo coletivo e institucional, presente nas estruturas sociais, políticas e econômicas, que perpetua e intensifica as desigualdades raciais (ALMEIDA, 2018). Esse fenômeno sistêmico também se manifesta no sistema educacional, desde a educação básica até o ensino superior, contribuindo para que o campo da medicina se torne um espaço elitizado, que marginaliza a população negra tanto no atendimento à saúde quanto no acesso à formação médica e na produção científica (CORREA, 2022).

Apesar de a população brasileira ser majoritariamente negra, representando cerca de 55,4% dos habitantes (IBGE, 2022), em 2019, menos de 30% dos formados em cursos de Medicina eram negros (SCHEFFER, 2020). Esses números evidenciam como, mesmo com as políticas públicas de ações afirmativas (LEI DE COTAS, 2012), o curso de medicina permanece elitizado, com barreiras como alto desempenho acadêmico exigido e altos custos de ingresso. O estudo de Sérgio Almeida sobre alunos negros formados na Faculdade de Medicina da USP entre 1935 e 1964 revela que, historicamente, esses estudantes enfrentaram dificuldades em termos de desempenho e discriminação. Essas dificuldades persistem, como relata Vanessa Fredrich em sua análise do racismo enfrentado por estudantes negros na graduação em Medicina, destacando que o racismo segue sendo uma barreira significativa na formação médica.

O ingresso nos cursos de medicina no Brasil é altamente competitivo e beneficia estudantes de escolas particulares e de cursos pré-vestibulares especializados, em geral de famílias com maior renda. Mesmo com o ENEM sendo mais inclusivo do que outros vestibulares, ele ainda apresenta um viés de formulação que dificulta a entrada de candidatos de baixa renda, majoritariamente negros (FUJII et al., 2012). A elitização do ensino médico é mantida pelo prestígio e retorno econômico da profissão, enquanto o acesso a uma educação preparatória é restrito àqueles que podem pagar por instituições caras, geralmente inacessíveis para a população negra (SANTOS, 2012).

As ações afirmativas, como a Lei de Cotas (2012), promovem avanços importantes na inclusão de estudantes negros e de outras minorias étnicas. A lei reserva vagas em instituições federais para alunos de escolas públicas, com subcotas para pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência. Estudos apontam para uma melhoria significativa na diversidade racial nos cursos de medicina, embora o progresso ainda seja insuficiente (SILVA & PAIXÃO, 2014; SOUZA, 2018). Segundo Fanon (2008), a presença de negros em espaços de prestígio social e econômico representa uma forma de resistência antirracista, desafiando estereótipos e a exclusão racial. Assim, o aumento da presença negra nos cursos de medicina não apenas corrige a sub-representação, mas também atua como uma resistência contra a estrutura racial excludente.

A meritocracia, frequentemente usada como argumento contrário às cotas, ignora as desigualdades estruturais que afetam a população negra e outras minorias no Brasil. As cotas, nesse contexto, se apresentam como uma ferramenta necessária, mas insuficiente, para nivelar as oportunidades e enfrentar as distorções históricas nas instituições de ensino (RIBEIRO, 2019; CARNEIRO, 2005).

Contudo, apesar dos avanços no acesso, a permanência de estudantes negros nos cursos de medicina continua sendo um grande desafio. Dificuldades financeiras para manter-se em um curso integral, que exige dedicação intensa e impede o trabalho em horários paralelos, são um dos maiores obstáculos, especialmente para estudantes mais pobres, em sua maioria negros (SILVA & PAIXÃO, 2014). Além disso, esses estudantes enfrentam um ambiente acadêmico onde o racismo e microagressões são comuns, o que afeta sua saúde mental e autoestima, prejudicando o desempenho acadêmico e o sentimento de pertencimento (FANON, 2008). Esse ambiente muitas vezes os obriga a reafirmar constantemente seu valor e competência, criando desafios adicionais para a construção de sua identidade acadêmica e profissional (HOOKS, 1994).

A formação médica dos estudantes negros exige, portanto, políticas de apoio à permanência que incluam assistência estudantil, suporte psicológico e a criação de um ambiente acadêmico inclusivo (RIBEIRO, 2019).

3. MEU INGRESSO NO CURSO DE MEDICINA

A medicina tem sido uma constante na minha vida desde antes do meu nascimento. Minha família é formada pelos meus pais, minha meia-irmã mais velha, Jéssica, e minha irmã mais velha, Stefany.

Minha mãe, uma mulher negra nascida no interior da Bahia, é a filha primogênita de nove irmãos, e assumiu um papel fundamental no cuidado dos mais novos. Desde a infância, trabalhou no campo, auxiliando o pai em colheitas e plantações. Na adolescência, passou a trabalhar em restaurantes, desempenhando funções como garçoneiro, lavadora de pratos, caixa e assistente de cozinha. Ao chegar à fase adulta, engravidou e, com o apoio da sogra e da irmã mais próxima, cuidou de sua primeira filha, Jéssica. Com a filha ainda pequena, mudou-se para São Paulo em busca de melhores oportunidades de trabalho e renda, visando proporcionar um estilo de vida mais confortável para ambas, deixando sua filha aos cuidados de sua irmã na Bahia. Após mais de um ano na cidade, ela conheceu meu pai e, depois de um ano de relacionamento, engravidou da minha irmã, Stefany.

Meu pai é um homem branco, nascido no interior de Minas Gerais, que desde jovem trabalhou em plantações e colheitas de familiares mais abastados, pois era o filho mais velho. Com a perda do pai, suas responsabilidades financeiras aumentaram substancialmente. Aos 18 anos, migrou para São Paulo e começou a trabalhar na construção civil, num período de grande expansão imobiliária. Retornava a Minas Gerais entre projetos e levava quase todo o seu rendimento para a mãe, que já sofria de problemas de saúde. Anos depois, com experiência como ajudante de pedreiro, pedreiro e mestre de obras, foi convidado, em 1997, para abrir uma empreiteira em parceria com um engenheiro que admirava seu trabalho. Durante essa fase inicial da empresa, que ainda não gerava lucros, ele conheceu minha mãe.

Minha irmã nasceu com várias anomalias congênitas (CIA, TAPVR, atresia anal), necessitando de múltiplas cirurgias na fase neonatal e de internações prolongadas em hospitais públicos de São Paulo, além de desenvolver uma deficiência intelectual significativa.

Onze meses depois, eu nasci, e devido às condições de saúde da minha irmã, cresci frequentando consultórios, hospitais e postos de saúde. Com a melhora financeira da família, passamos a utilizar também serviços de saúde privados, e pude perceber as grandes disparidades entre o atendimento oferecido pelo SUS e o das instituições privadas. Dessa forma, a medicina e o cuidado com a saúde sempre estiveram presentes na minha vida, tanto institucionalmente quanto pessoalmente, pois desempenhei um papel essencial no cuidado da minha irmã, mesmo quando ainda era uma criança.

Cresci como um jovem negro em uma família de classe média em São Paulo, frequentando uma escola particular de pequeno porte, onde a maioria dos alunos era composta por crianças brancas de classe média. Devido à minha facilidade com os estudos, consegui uma bolsa integral no Colégio Objetivo, onde estudei do 7º ano do ensino fundamental até o término do ensino médio. Nesse novo ambiente, ser uma criança negra se tornou ainda mais evidente, já que eu era um dos únicos dois alunos negros em uma turma de aproximadamente 60 estudantes.

Minha construção étnico-racial começou nesse período, e percebi o quão deslocado me sentia em relação aos que me cercavam. Mesmo pertencendo ao mesmo nível econômico, as diferenças eram marcantes. Minha percepção mudou logo no início do curso, quando fui informado de que eu era o único bolsista integral da turma e que, devido a essa condição, se esperava sempre excelência da minha parte. Não poderia cometer falhas, ir mal em provas e muito menos reprovar. No primeiro ano, estudei com uma dedicação inédita, me esforcei em todas as atividades e provas, competi em olimpíadas acadêmicas e consegui algumas medalhas. Contudo, para alguns colegas e professores, isso ainda parecia insuficiente ou inválido.

Com o passar dos anos, percebi cada vez mais as diferenças nas expectativas, na credibilidade e no tratamento, tanto de colegas quanto de profissionais. Recordo-me de momentos em que fui repreendido por conversar em sala, enquanto outros não; de quando tive respostas consideradas incompletas, enquanto as de amigos foram aceitas; e de ter minhas características físicas ridicularizadas por um professor em plena aula. No entanto,

também me recordo do apoio de amigos e alguns professores que estiveram ao meu lado, me defendendo e me dando credibilidade em momentos difíceis.

Ainda assim, minha percepção sobre etnia e raça era limitada, e por isso acabei permitindo muita violência racial que experimentei, por diferentes pessoas. Me tornei conivente com o sofrimento que era causado a mim por termos e expressões racistas.

À medida que minha compreensão sobre cor, etnia e seu papel na estrutura social se aprofundava, o sentimento de não pertencimento crescia. Eu me enxergava como uma síntese de contradições:

Jovem, mas maduro além da idade, pois tive que crescer rápido para ajudar a cuidar da minha irmã e enfrentar as consequências pessoais do racismo estrutural; de classe média, mas sem real poder aquisitivo, visto que o dinheiro ganho pelo meu pai era destinado principalmente à nossa subsistência; negro, mas "não o suficiente", pois eu não era negro conforme certos estereótipos, não tinha religião de matriz africana, não ouvia RAP ou Funk, e não vivia a pobreza frequentemente associada à pele negra.

Em meio a essa turbulência de sentimentos e descobertas, desenvolvi o desejo de ajudar as pessoas de forma direta, proporcionando auxílio àqueles que enfrentavam problemas de saúde e aliviando-os de seu sofrimento.

Durante a infância, acreditava que a medicina poderia curar magicamente todas as condições da minha irmã, o que alimentava meu sonho de me tornar médico e encontrar uma cura para ela. Com o tempo, a realidade dos vestibulares, a complexidade da carreira médica e a impossibilidade de cura para o quadro da minha irmã trouxeram dúvidas sobre minha vocação. Mesmo assim, minha família sempre acreditou no meu potencial para a medicina e me incentivou a seguir esse caminho, mesmo que eu fosse o primeiro da família a trilhar essa jornada.

No terceiro ano do ensino médio, tomei duas decisões importantes que moldam quem sou e o que desejo para meu futuro: decidi que prestaria vestibular para medicina e que minha felicidade não dependeria exclusivamente do meu

trabalho; buscava equilíbrio, mesmo que a profissão médica não fosse minha única fonte de realização. Ao final do terceiro ano, não fui aprovado em nenhuma universidade, mas isso não me desmotivou, e me preparei para dedicar o ano seguinte exclusivamente aos estudos para tentar novamente.

Após um ano intenso de cursinho, passei no curso de medicina da UFSCar, dentro das 20 vagas de Ampla Concorrência, visto que eu não tinha estudado em escola pública e minha renda familiar ultrapassava o limite para cotas. Mesmo que eu atendesse a algum critério para entrar por cotas, nunca me vi no direito de utilizá-las, pois tive acesso a uma educação de qualidade, direito que é negado à maioria da população negra no Brasil.

Assim, após dar o primeiro passo em direção à construção da minha felicidade, encontrei o que seria, até então, o maior desafio para o meu desenvolvimento pessoal e para a construção da minha auto-percepção.

4. MEUS ANOS NO CURSO DE MEDICINA

4.1. Primeiro Ano - 2019

Após ingressar na universidade, busquei um local para morar e, após muita procura, optei por uma república, devido aos custos mais baixos. Assim, encontrei-me em uma residência com 18 homens, a maioria branca, de classe média, que cursavam ciências exatas e engenharias na USP.

Logo, durante o primeiro ano em São Carlos, vivi em dois ambientes distintos: o curso de Medicina, que, embora mais diverso, ainda contava com uma minoria de negros, pardos, indígenas e estrangeiros; e a república, um espaço predominantemente masculino e composto majoritariamente por pessoas com privilégios similares e diferentes dos meus. Nesse contexto, meu sentimento de “não pertencimento” se intensificou; as vivências das pessoas ao meu redor mostravam como eu não me encaixava totalmente em nenhuma das realidades que me definiam enquanto ser humano.

“O negro está alienado em uma pele que não lhe pertence, onde constantemente se depara com o olhar do outro, onde se vê obrigado a desempenhar um papel para corresponder ao imaginário coletivo.” (FANON, 2008)

Com 18 anos, me via cercado por homens mais velhos, que me viam como uma pessoa muito madura em comparação com a perspectiva deles. Mesmo sendo um dos mais jovens, eu assumia uma posição de maior centralidade e parcimônia, tanto pela minha própria formação enquanto indivíduo quanto pela expectativa imposta a mim. Enquanto de mim se esperava maturidade, calma, neutralidade e passividade, aos meus colegas eram permitidos comportamentos como irresponsabilidade, boemia e aventura, como discute Baldwin (2017).

Sob a ótica da classe social, me aprofundi na compreensão dos meus privilégios ao conviver com indivíduos de realidades tão distintas, tanto no curso quanto na república, e nos pacientes que visitamos nesse primeiro ano. Pude entender de forma mais concreta como as pessoas de classes sociais mais baixas vivem e enxergam o mundo. Com isso, percebi que minha compreensão da vida e da sociedade era moldada pelas minhas experiências, e que a visão de

outras pessoas também pode influenciar a minha. Procurei usar essas experiências para me desenvolver tanto como ser humano quanto como futuro profissional, buscando aplicar cada vez mais meus conhecimentos sobre empatia e a importância de compreender a realidade de cada indivíduo para oferecer um cuidado eficaz à sua saúde.

Por fim, no campo racial, tive o primeiro contato com pessoas negras que entendiam melhor seu lugar em um mundo racializado, e que buscavam estudar e se articular para promover mudanças positivas dentro dessa estrutura. Foi nesse momento que meu sentimento de “não ser preto o suficiente” se intensificou. Eu não compartilhava os mesmos gostos musicais, o mesmo estilo de roupa, não conhecia tanto sobre a história negra ou a resistência antirracista no Brasil, nem me articulava da mesma forma na luta por representatividade preta na medicina no Brasil. Percebi o quanto me distanciava de outros que compartilhavam características semelhantes às minhas e me senti deslocado nesse meio. Contudo, foi esse desconforto que funcionou como uma catálise para o meu aprendizado sobre a estrutura racial no Brasil, sobre minha identidade e sobre meus planos para o futuro.

4.2. Pandemia - 2020 a 2022

Após o início da quarentena no Brasil devido à pandemia de COVID-19, as atividades acadêmicas foram paralisadas, porém, me mantive em São Carlos por diversos fatores. Com a morte de George Floyd e os protestos que se espalharam pelo mundo, a crise racial global se tornou ainda mais evidente. No Brasil, um país com profundas raízes escravistas e uma sociedade marcada por desigualdades raciais históricas, essa tragédia me levou a uma reflexão mais profunda sobre a minha identidade e sobre a história da população negra no Brasil.

Foi nesse contexto que comecei a buscar fontes que me ajudassem a compreender a resistência antirracista histórica no Brasil, especialmente no período da escravidão. Ao contrário da ideia erroneamente difundida de que os negros aceitavam a escravidão como parte de sua condição, percebi que havia uma resistência constante, organizada e frequentemente violenta contra esse sistema opressor. José Jorge de Carvalho (2008), em “A Invenção do Racismo no Brasil”, discute como as elites culturais e intelectuais brasileiras tentaram justificar a escravidão, criando uma narrativa que desconsiderava a luta dos negros por liberdade. No entanto, essa visão foi desafiada por historiadores, sociólogos e ativistas negros que demonstraram a força e a persistência da resistência negra. Não era uma resistência passiva, mas uma luta constante contra a desumanização imposta pelo sistema escravocrata.

Em minha busca por entender melhor essa resistência, também passei a explorar as culturas e tradições negras brasileiras. A música, a dança, a culinária e os cabelos, por exemplo, são elementos fundamentais que ajudaram a população negra a preservar sua identidade e a resistir às pressões de assimilação cultural. Através do estudo dessas manifestações culturais, aprendi que ser negro no Brasil não é uma experiência homogênea e que, dentro da própria comunidade negra, há uma diversidade de experiências e expressões que são constantemente moldadas pelas condições sociais, políticas e econômicas. Como afirmou Bell Hooks (2004), a identidade negra é multifacetada e não deve ser limitada a estereótipos ou expectativas externas.

Ao me aprofundar nessa reflexão, comecei a questionar as noções que me foram impostas ao longo da vida. A sociedade brasileira frequentemente tenta nos dizer o que é ser negro e o que não é, criando um conjunto de normas e estereótipos sobre a aparência, o comportamento e os gostos de uma pessoa negra. No entanto, percebi que a minha negritude não se define por essas características externas ou por minha aderência a certos padrões culturais. Como Angela Davis (1981) discutiu em suas obras, a luta pela liberdade e pelos direitos humanos é um compromisso que vai além da aparência ou dos hábitos culturais; é uma questão de justiça social e de reconhecimento da humanidade de todos os indivíduos.

Foi então que compreendi que eu não precisava me encaixar nos padrões ou nas expectativas que a sociedade impõe sobre os negros. Toda a opressão que sofri, as humilhações que passei e a luta que vivi foram evidências mais do que suficientes para provar a todos, e principalmente a mim mesmo, que eu sou negro.

4.3. Internato - 2023 e 2024

Com o início das atividades no 5º ano, a prática clínica intensificou-se, com carga horária de 40 horas semanais focada quase exclusivamente em atividades assistenciais. Nesse estágio, minha identidade como pessoa negra já estava consolidada, contudo, o contato ampliado com a população em situações de fragilidade trouxe novas experiências e reflexões.

Iniciei minhas atividades em Saúde da Família, Saúde Coletiva e Saúde Mental, atuando em USFs, CAPS, ambulatórios de psiquiatria e em uma cooperativa de coleta de resíduos sólidos. Esse estágio impactou profundamente minha construção enquanto médico negro, ao me apresentar realidades distintas e evidenciar como a população de baixa renda é afetada no Brasil.

Presenciei casos de indivíduos incapazes de custear seus tratamentos, vendo sua saúde deteriorar-se. Pessoas que sofriam abusos psicológicos, verbais e físicos, sem a perspectiva de um fim para essa violência, por falta de apoio de instituições. Trabalhadores que adoeciam devido às condições laborais, mas que não podiam deixar seus empregos por dependerem do sustento.

Compreender que o sofrimento mental advém muitas vezes de questões sociais foi tanto um obstáculo quanto um impulso. Essa constatação me fez reconsiderar a escolha pela psiquiatria, pois percebi que, muitas vezes, a mudança necessária envolve o contexto social do paciente, algo que eu, enquanto médico, não conseguiria alterar sozinho. Ainda assim, essas experiências me mostraram o valor de se considerar as relações sociais, de trabalho e familiares, ao cuidar dos pacientes.

Na sequência, o estágio em Ginecologia e Obstetrícia se deu em grande parte na maternidade de São Carlos, onde auxiliamos em pronto-atendimentos, partos naturais, cesáreas, e cuidados pós-parto. Tive a experiência impactante de presenciar violências obstétricas, observando como essas práticas se direcionavam desproporcionalmente a mulheres negras, conforme estudei anteriormente (AMNESTY INTERNATIONAL, 2017).

Percebi que mulheres em situações de extrema vulnerabilidade, como no parto, são tratadas de forma desumanizadora, tendo suas dores invalidadas e seus desejos desconsiderados. Em uma ocasião marcante, cheguei nos minutos finais de um parto natural e, ao segurar a mão da parturiente, pude demonstrar empatia e apoio. Embora tenha participado apenas de uma pequena fração do processo, fui a primeira pessoa a ser agradecida por ela após o parto, o que me mostrou o impacto do cuidado humano e compassivo.

Outro estágio que ampliou minha perspectiva foi o de Ginecologia e Obstetrícia no 6º ano, especialmente no Ambulatório de Sexologia. Esse contato com a população transgênero de São Carlos me ajudou a compreender melhor os desafios enfrentados no cotidiano e a conexão entre a violência contra a comunidade LGBTQIA+ e o racismo (GOMES, 2019).

Durante o estágio de Cirurgia Geral do 6º ano, experimentei a dualidade de ser tratado ora como médico, ora confundido com um técnico de enfermagem. Embora todos os profissionais sejam essenciais, notei que esse tipo de suposição se devia à minha cor de pele. Sinto uma constante pressão para ser "mais": mais inteligente, mais empático, mais resiliente. Essa contradição persiste e não creio que vá desaparecer, pois reflete a estrutura racial em que estou inserido.

Finalmente, o estágio de Pediatria do 6º ano impactou profundamente minha identidade e atuação. Acompanhando uma criança que sofria violência doméstica, reconheci, no irmão mais velho dela, uma identificação profunda. Nossas realidades eram diferentes, mas ambos carregávamos marcas da opressão, o que ressaltou a importância da empatia em minha prática médica.

CONCLUSÃO

Concluindo esta narrativa crítico-reflexiva, destaco o impacto dos desafios que enfrento como estudante negro em um curso de medicina de uma universidade pública. Este ambiente, que em momentos pode ser acolhedor e inclusivo, revela-se também, em outros, hostil e excludente. Ainda assim, foi nesse contexto que me desenvolvi enquanto futuro profissional de saúde, fortalecendo meu entendimento sobre a população geral e construindo em mim um compromisso profundo com a promoção da saúde e do bem-estar das pessoas que eu tiver a oportunidade de atender.

Ao longo desses seis anos de graduação, percebo que minha trajetória representa não apenas uma conquista individual, mas também um triunfo coletivo. Significa muito para minha família e para todos que, como eu, são sub-representados na elite intelectual do país. Espero que, a partir dessa resistência, por meio da qual luto para reivindicar meu espaço, minha voz e meu reconhecimento, eu consiga avançar na luta iniciada há séculos.

Assim, a conclusão deste trabalho marca para mim o início de uma missão que se apoia nos princípios da equidade, do respeito, do olhar integral e na inclusão de todos aqueles que são sistematicamente excluídos pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Sérgio Tenorio de. *Novas oportunidades de acesso ao ensino superior? Trajetórias escolares de alunos negros que se formaram na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1935 a 1964)*. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/10714/1/Sergio%20Tenorio%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2024.
- AMNESTY INTERNATIONAL. *Vida de mulher não vale menos: violência obstétrica e mortalidade materna no Brasil*. Londres: Anistia Internacional, 2017. Disponível em: <https://anistia.org.br/>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- BALDWIN, James. *A próxima vez o fogo*. Tradução de Sergio Tellaroli. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.
- BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. *Diário Oficial da União*, Brasília, 30 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 10 nov. 2024.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo estrutural e educação*. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.
- CARVALHO, José Jorge de. *A Invenção do Racismo no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 2008.
- CORREA, X. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/6CfFyQ99nyggX7ftdmhKwjC/?format=pdf>. Acesso em: 04 nov. 2024.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FUJII, X. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/ZZX43K584J4hSHfZZynrypc/#ModalTutors>. Acesso em: 03 nov. 2024.
- GOMES, Nilma Lino. Pensando com a América Latina: interseccionalidade, lutas e resistências. In: SUÁREZ-KRABBE, Julia; ÁLVAREZ, Silvia Rivera Cusicanqui (Orgs.). *Epistemologias do Sul em Perspectiva*. São Paulo: Cortez, 2019.

- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. Disponível em: <https://goo.gl/VFdjdq>. Acesso em: 25 set. 2017.
- HOOKS, Bell. *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom*. Routledge, 1994.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Lucia de Oliveira. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2004.
- IBGE. *Composição da população brasileira: Informativo sobre o Censo Demográfico 2022*. Secretaria de Gestão do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/composicao/secretaria-de-gestao-do-sistema-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial/diretoria-de-avaliacao-monitoramento-e-gestao-da-informacao/informativos/Informe-edicao-censo-demografico2022.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2024.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Editora Letramento, 2019.
- SANTOS, X. *Título completo do trabalho não especificado*. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/16congressointernacionaldaredeunida/trabalho/363250>. Acesso em: 02 nov. 2024.
- SCHEFFER, Mario (coord.). *Demografia Médica no Brasil 2020*. São Paulo: Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP; Conselho Federal de Medicina, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4067/406769893021/html/>. Acesso em: 01 nov. 2024.
- SILVA, J. A.; PAIXÃO, J. P. A política de cotas no Brasil: avanços e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, 2014.
- SOUZA, S. L. *Meritocracia e desigualdades educacionais no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez, 2018.
- STONEHAGE FLEMING. *The impact of wealth on family relationships: managing expectation*. Disponível em: <https://www.stonehagefleming.com/insights/detail/the-impact-of-wealth-on-family-relationships-managing-expectation>. Acesso em: 09 nov. 2024.